

GEOGRAFIAS EMOCIONAIS EM MANOEL DE BARROS: PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA

Oberdan José Bortolanza¹
Márcia Alves Soares da Silva²

Resumo: A reflexão articula as Geografias Emocionais com a Literatura, a partir da obra do poeta matogrossense Manoel de Barros, visando compreender a importância das emoções no ensino da Geografia. Ao integrar essas perspectivas, o nosso objetivo é explorar as emoções experimentadas pelos estudantes no contexto escolar, como elas relacionam-se com a vivência no espaço geográfico e como podem ser despertadas por meio da Literatura. A partir da poesia de Manoel de Barros, entendemos que é possível despertar as emoções dos alunos durante o processo de aprendizado dos conteúdos geográficos, em especial, pensando o contexto de Mato Grosso, abordado pelo poeta em suas obras, promovendo uma abordagem interdisciplinar que amplie os debates sobre as espacialidades emocionais e a imaginação geográfica. Com essa articulação, queremos colaborar para as discussões em torno da educação e ensino da Geografia, proporcionando uma compreensão mais profunda e sensível das relações entre as pessoas, as emoções e o espaço vivido. No trabalho cotidiano com estudantes da educação básica, foi possível ver a potência da linguagem poética usada para descrever o Pantanal, refletir sobre a relação entre o ser humano e a natureza, já que a obra do autor incentiva reflexões sobre responsabilidade ambiental e preservação do bioma, temas pertinentes no ensino da Geografia.

Palavras-chave: Emoções. Literatura. Espacialidades Emocionais. Imaginação Geográfica.

EMOTIONAL GEOGRAPHIES IN MANOEL DE BARROS: PERSPECTIVES FOR TEACHING GEOGRAPHY

Abstract: The reflection connects emotional Geography with literature through the work of the poet Manoel de Barros, from Mato Grosso, who aims to understand the role of emotions in geography education. By integrating these perspectives, our goal is to explore the emotions experienced by students in the school context, how these emotions relate to their experience in geographic space, and how they can be evoked through literature. Through the poetry of Manoel de Barros, we believe it is possible to awaken students' emotions during the learning process of geographic content, especially within the context of Mato Grosso, which is frequently portrayed in the poet's works, promoting an interdisciplinary approach that broadens discussions on emotional spatialities and geographic imagination. With this articulation, we aim to contribute to the discussions on Geography education by fostering a deeper and more sensitive understanding of the relationships among people, emotions, and lived space. In everyday work with basic education students, we observed the power of poetic language in describing the Pantanal, encouraging reflections on the human–nature relationship, as the author's work inspires critical thinking about environmental responsibility and the preservation of the biome, topics highly relevant to Geography teaching.

Keywords: Emotions. Literature. Emotional Spatialities. Geographic Imagination.

¹ Professor do estado do Mato Grosso. E-mail: ojbortolanza@hotmail.com

² Professora Adjunta do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Cuiabá (UFMT). Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (2019). Bolsista CAPES no Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior, no Departamento de Filosofia da Universidade de Évora, Portugal (2017). É membra dos grupos de pesquisa Laboratório Território, Cultura e Representação (LATECRE-UFPR) vinculado ao Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER) e do HPGeo - Grupo de Pesquisa em História do Pensamento Geográfico e Epistemologia da Geografia (UFMT). E-mail: marcia.alves.geo@gmail.com

GEOGRAFÍAS EMOCIONALES EN MANOEL DE BARROS: PERSPECTIVAS PARA LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA

Resumen: La reflexión articula las Geografías Emocionales con la Literatura a partir de la obra del poeta matogrossense Manoel de Barros, con el objetivo de comprender la importancia de las emociones en la enseñanza de la Geografía. Al integrar estas perspectivas, buscamos explorar las emociones experimentadas por los estudiantes en el contexto escolar, cómo se relacionan con la vivencia en el espacio geográfico y cómo pueden ser despertadas a través de la literatura. A partir de la poesía de Manoel de Barros, entendemos que es posible despertar las emociones de los alumnos durante el proceso de aprendizaje de los contenidos geográficos, especialmente considerando el contexto de Mato Grosso, abordado por el poeta en sus obras, promoviendo un enfoque interdisciplinario que amplíe los debates sobre las espacialidades emocionales y la imaginación geográfica. Con esta articulación, queremos contribuir a las discusiones sobre la educación y la enseñanza de la Geografía, proporcionando una comprensión más profunda y sensible de las relaciones entre las personas, las emociones y el espacio vivido. En el trabajo cotidiano con estudiantes de la educación básica, fue posible observar la potencia del lenguaje poético al describir el Pantanal, reflexionar sobre la relación entre el ser humano y la naturaleza, ya que la obra del autor incentiva reflexiones sobre la responsabilidad ambiental y la preservación del bioma, temas pertinentes para la enseñanza de la Geografía.

Palabras-clave: Emociones. Literatura. Espacialidades emocionales. Imaginación geográfica.

Introdução

O contexto escolar convida, cotidianamente, a repensar sobre as nossas práticas de ensino, tendo em vista as necessidades e os anseios de uma atmosfera em constante mudança. Nesse contexto, enquanto educadores, devemos, antes de tudo, questionar-nos se é possível separar o que somos do local em que habitamos e compreender de que maneira as pessoas subjetivam as suas existências nos espaços que ocupam.

Essas são algumas das questões refletidas pelas Geografias Emocionais, que busca compreender como o espaço é organizado também pelas nossas emoções. Segundo Silva (2019, p. 11): “A Geografia das Emoções busca compreender a relação emocional que tecemos com os espaços, conferindo a singularidade de nossas experiências espaciais, a partir de um olhar sensível sobre a realidade”. Essa área de conhecimento tem articulado as suas reflexões em diálogos interdisciplinares, dentre eles, pensando como as diferentes práticas artísticas e criativas podem contribuir para um repensar de nossas categorias espaciais, à luz de considerar as emoções como fontes de construção de conhecimento geográfico.

Pensando nisso, ao trabalharmos o ensino de Geografia por meio da interdisciplinaridade e com temas transversais articulados com diversas linguagens disponíveis no cotidiano, como a Literatura, é possível uma ampliação conceitual e categórica das questões

espaciais que levem em consideração, por exemplo, as experiências emocionais dos estudantes com os lugares em que se encontram.

Dessa forma, a nossa compreensão é de que essas emoções podem ser despertadas por intermédio do texto literário no ensino da Geografia e, assim, podem contribuir para consolidar outra relação emocional dos estudantes com a sala de aula, com a escola e com suas espacialidades cotidianas. Além disso, uma análise sobre a questão emocional no ensino da Geografia possibilita que os estudantes compreendam e valorizem o que sentem, no contexto de seus cotidianos, pautando a relevância de suas experiências emocionais na construção do conhecimento.

Neste sentido, a presente reflexão tem por objetivo destacar a aproximação entre Geografias Emocionais e a Literatura, abordando a relevância de pensar as experiências emocionais no ensino da Geografia, tendo, como foco, a utilização da poesia de Manoel de Barros, autor matogrossense, nascido em Cuiabá - MT, em 1916. A reflexão parte da relevância do poeta para pensar o contexto cotidiano na escala local – o estado de Mato Grosso –, quando aborda elementos da natureza e a própria dinâmica do Pantanal em suas poesias, temas pertinentes para o ensino da Geografia.

O texto é dividido, em primeiro momento, com uma abordagem sobre Manoel de Barros, a sua obra e a sua forma de transver o mundo. Em seguida, apresentamos a discussão sobre as Geografias Emocionais no contexto do ensino da Geografia e do ambiente escolar. Na sequência, trazemos a relação que a Geografia tece com a Literatura para refletir sobre as suas problemáticas espaciais. Por fim, apresentamos a potencialidade da obra de Manoel de Barros para o ensino da Geografia, em especial, quando traz o absurdo dos elementos da natureza e da paisagem matogrossense no ato poético do olhar.

Na reflexão, destacamos a importância de uma educação sensível e humanizada para promover uma formação integral dos alunos, numa articulação entre o fora e o dentro do ambiente escolar. As Geografias Emocionais têm problematizado essa preocupação, enfatizando a necessidade de desenvolver não apenas conhecimentos técnicos, mas também habilidades emocionais e sociais em articulação com as dinâmicas espaciais, preparando os indivíduos para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo de forma consciente, crítica e responsável, pensando as diferentes dinâmicas intersubjetivas. Nesse contexto, as Geografias

Emocionais no ensino ganham destaque, pois reconhecem a importância das emoções e dos contextos emocionais na aprendizagem e no desenvolvimento dos alunos, promovendo uma conexão mais profunda entre o indivíduo, a sociedade e as dinâmicas espaciais.

Manoel de Barros: o poeta do sensível

Manoel de Barros foi um poeta que nasceu em Cuiabá, Mato Grosso, em 1916, e passou a infância na fazenda da família localizada no Pantanal, experiência que refletiu diretamente em suas obras. Ao longo de sua carreira, extraía os seus versos da realidade imediata que o cercava e foi trazendo a natureza e o Pantanal em suas diversas poesias. Aves, rãs, pedras, rios, insetos, tartarugas, passarinhos, árvores, água, formas e cores compõem o universo das (des)importâncias do poeta. Há uma perspectiva geográfica em sua poesia de mundo, quando analisa as suas espacialidades de intimidade e proximidade para entender o seu quintal.

Essas subjetividades são a força motriz da poesia de Manoel de Barros. Partindo do nosso contexto próximo – Mato Grosso –, trazemos a perspectiva do poeta, que evidencia, em sua obra, que a arte habita dentro de nós e nos vários “nadas” que compõem a vida cotidiana. Em sua caminhada poética, Manoel de Barros foi amadurecendo a sua visão sobre o seu quintal, entendendo que essa espacialidade é maior do que o mundo. A partir do banal, do ordinário, do vazio, das coisas miúdas, das profundezas sobre o nada, o poeta provoca o cotidiano e o que entendemos como “extraordinário” da vida sendo que, em sua visão, a importância das coisas não é medida por métricas científicas, mas pelo encantamento que produz em nós.

É assim, por meio de um cenário que enaltece a natureza, seu tempo e espaço, que Manoel de Barros traz uma provocação para a Geografia. O espaço geográfico desafia-nos a repensar até o que é simples demais para ser problematizado científica ou filosoficamente, mas que é parte fundamental das nossas existências. Então, porque não aliar a arte da poesia com a Geografia, em especial, pensando o contexto escolar? “Nosso conhecimento não era de estudar em livros. Era de pegar de apalpar de ouvir e de outros sentidos. Seria um saber primordial?” (Barros, 2021, p. 15).

Esse saber primordial, também acessado pelas emoções, é um caminho relevante para pensar a educação geográfica. Pensando nisso, ao trabalharmos o ensino de Geografia por intermédio da interdisciplinaridade e com temas transversais articulados com diversas

linguagens disponíveis no cotidiano, como a Literatura, é possível uma ampliação conceitual e categórica das questões espaciais que levem em consideração, por exemplo, as experiências emocionais dos estudantes com os lugares em que se encontram. Dessa forma, a nossa compreensão é de que essas emoções podem ser despertadas por meio do texto literário no ensino da Geografia e, assim, podem contribuir para consolidar outra relação emocional dos estudantes com a sala de aula, com a escola e com os caminhos cotidianos dos discentes.

A obra de Manoel de Barros é intrinsecamente emocional e convida, a todo o momento, a desver o mundo. E, para isso, convida para olhar a natureza, porque vê a natureza como caminho para o conhecimento. A perspectiva atenta e sensível provocada pelo poeta pode conduzir para um conhecimento espacial e emocional, também de interesse para a Geografia.

A relação emocional com/nos lugares tem sido abordada a partir das Geografias Emocionais. Assim, destacamos a aproximação entre Geografias Emocionais — teoria que aborda as múltiplas formas de percepção do mundo com foco nas experiências emocionais subjetivas vivenciadas pelas pessoas, entendendo as emoções como fonte de construção de pensamento geográfico — e a Literatura, abordando a relevância de pensar as experiências emocionais no ensino da Geografia, tendo como foco a utilização da poesia de Manoel de Barros. Partimos do pressuposto de que existe a possibilidade de diálogos entre as disciplinas, que podemos não só evidenciar aspectos geográficos do cotidiano na poesia do autor, como o Pantanal, mas também problematizar conexões emocionais com essas espacialidades, problematizando a sala de aula como uma atmosfera afetiva.

Geografias Emocionais no/do ensino

As dinâmicas emocionais são reconhecidas como impulsionadoras da produção de espaços, influenciando deslocamentos, performances e ritmos espaciais. Apesar da tendência de separar emoção e racionalidade, argumentamos que as emoções desempenham um papel central na organização da vida social e na expressão espacial. A Geografia tem recentemente voltado a sua atenção para as Geografias Emocionais, que se desenvolvem a partir da interdisciplinaridade, dialogando com áreas como Neurociência, Psicologia, Arquitetura, Sociologia, Antropologia e Artes, com o objetivo de compreender a relação entre emoções e a produção de espaços.

Para Furlanetto (2014, p. 79): “A geografia emocional refere-se à experiência emocional e à leitura sensível dos lugares, às sensações e aos sentimentos que integram as paisagens.” Neste sentido, Andreotti (2013) entende as Geografias Emocionais como um campo influenciado pela Geografia Humanista e por distintas correntes filosóficas, como a fenomenologia, o existencialismo, o espiritualismo e o pós-modernismo. Para a autora, esse campo destaca tonalidades, espacialidades e temporalidades, investigando aspectos, frequentemente, ocultos ou marginalizados na configuração dos lugares e paisagens. Assim sendo, é valorizada a diversidade de sentimentos e significados, que não podem ser reduzidos a medições matemáticas sem perda de sentido, rejeitando a ideia de uma racionalidade que sacrifique a complexidade do real.

A problematização da autora articula diretamente as Geografias Emocionais com a provocação poética de Manoel de Barros “Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós” (Barros, 2015, p. 152).

A crescente atenção às dimensões emocionais na educação reflete uma compreensão mais ampla dos impactos que as emoções exercem no desempenho escolar, reconhecendo os alunos como agentes ativos na construção do conhecimento e com necessidades emocionais que influenciam profundamente nesse processo. Essa perspectiva destaca a importância de conectar-se com os alunos não apenas por meio do conteúdo curricular, mas também reconhecendo e respondendo às suas experiências emocionais, possibilitando uma integração entre os aspectos psicológicos e disciplinares e promovendo a interdisciplinaridade entre diferentes áreas do conhecimento.

Sob essa ótica, a fase escolar emerge como um período relevante para o desenvolvimento da inteligência emocional, visto que a afetividade e os sentimentos desempenham um papel fundamental na disposição para a aprendizagem e na interação social dos estudantes, conforme destacado por Vygotski (1991).

A abordagem das Geografias Emocionais estende-se ao contexto escolar, promovendo a reflexão sobre o tema dentro e sobre o espaço educacional. Essa perspectiva não apenas considera as interações emocionais nos espaços de ensino e entre os agentes envolvidos, mas também analisa a própria estrutura física da escola, a sua disposição espacial e elementos hierárquicos como componentes de uma atmosfera afetiva.

Conforme Watkins (2011), é importante considerar a particular espacialidade das salas de aula e como elas funcionam como lugares afetivamente carregados. Em sua perspectiva, a afetividade das salas de aula, particularmente nos primeiros anos de escola, é intensificada dada a natureza de sua interioridade, a proximidade e a natureza prolongada da interação corporal que ocorre ali e o apego pessoal que cada um de seus ocupantes sente por esses espaços.

No processo de ensino e aprendizagem, há um investimento impulsionado pelos afetos que permeiam os espaços e salas de aula, onde as interações ocorrem. Para o professor, isso pode representar uma ética de cuidado, um anseio genuíno por transmitir conhecimento e habilidades, e um forte desejo de que sejam internalizados pelos alunos, em vez de serem encarados apenas como uma obrigação (Watkins, 2011).

Conforme apontado pelo autor, essas relações emocionais manifestam-se fisicamente e transcendem os espaços onde surgem, influenciando todos os envolvidos. Ao serem componentes da subjetividade, essas relações afetam todos aqueles que interagem com esses corpos. Isso sugere uma dimensão ética do ensino, em que a interatividade do processo não apenas é essencial para a aprendizagem do aluno, mas também constitui as relações humanas de forma mais ampla.

Para Hargreaves (2001), essas abordagens mais construtivistas à aprendizagem dão maior ênfase na resolução de problemas e aplicação de conhecimento, assim como aumentam a atenção à criatividade. O autor acredita que ensinar e aprender também são práticas emocionais, portanto, para ele, o espaço escolar é um exemplo de Geografia Emocional.

O autor aponta que as Geografias Emocionais descrevem os padrões de proximidade e distância nas interações humanas e que moldam as emoções que experimentamos sobre relacionamentos com nós mesmos, com o outro e com o mundo ao nosso redor. Na visão do teórico, ensinar e aprender também são práticas emocionais. Emoção e cognição, sentir e pensar, estão presentes em todas as práticas sociais.

[...] as geografias emocionais da interação humana não são apenas fenômenos físicos. Podemos nos sentir distantes das pessoas que estão ao nosso lado, mas perto de entes queridos que estão a quilômetros de distância. Emoções têm geografias imaginárias (Shields, 1991) de proximidade psicológica ou distância, bem como físicas. As geografias emocionais são, portanto, subjetivas e objetivas por natureza (Hargreaves, 2001, p. 1062, tradução nossa).

Do ponto de vista das competências socioemocionais, de acordo com Carmo (2023), os processos de aprendizagem envolvem, inevitavelmente, uma dimensão emocional nas relações entre professores, alunos e o meio. Neste sentido, torna-se imprescindível que, na atualidade, as instituições de ensino ressignifiquem o papel das emoções no contexto educacional, conferindo-lhes uma nova centralidade. Ao reconhecer que os estudantes necessitam desenvolver habilidades socioemocionais para lidar com as próprias emoções e com as dos outros, a escola deve adotar práticas pedagógicas intencionais, sistemáticas e abrangentes voltadas à educação das emoções.

Nesse escopo, a educação das competências socioemocionais tem sido destacada como elemento essencial para a inclusão escolar e para a formação de sujeitos mais conscientes de si e do meio social em que vivem (Valente, 2020). No caso do educador social, essa dimensão adquire especial relevância diante da natureza afetiva e intensiva de sua atuação junto a populações vulneráveis. No entanto, a formação inicial desses profissionais pouco contempla a educação emocional, evidenciando uma lacuna na preparação para o exercício pleno de suas funções.

Por outro lado, a forma como tais competências têm sido inseridas nas políticas educacionais, com na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), vem sendo criticada por sua vinculação a um paradigma gerencialista, que valoriza a adaptação, a resiliência e a resolução de problemas como estratégias individuais para enfrentar desafios sociais, despolitizando o processo formativo e esvaziando a sua dimensão crítica (Manfré, 2021). Essa lógica insere-se em uma racionalidade neoliberal, na qual a ênfase nas competências socioemocionais atende a interesses de produtividade, reforçando uma dicotomia artificial entre cognição e afeto, deslocando para o indivíduo a responsabilidade pela transformação social (Ciervo e Silva, 2019; Silva, 2022). Em vez de enfrentar as causas estruturais da alienação, essa abordagem pode contribuir para a manutenção das relações de dominação vigentes.

Apesar dessas críticas, estudos indicam que professores com domínio crítico dessas competências podem promover ambientes pedagógicos mais afetivos e colaborativos, favorecendo o desenvolvimento integral dos estudantes (Carias et al., 2023). Assim, torna-se necessário tensionar os sentidos atribuídos às competências socioemocionais na escola, distinguindo entre práticas verdadeiramente emancipadoras e usos meramente funcionalistas dessa dimensão formativa.

Lima (2015) destaca que as competências socioemocionais enriquecem o ensino-aprendizagem da Geografia, apontando a importância de integrar a dimensão emocional ao saber e fazer geográficos. Isso implica mobilizar emoções tanto na prática em sala de aula quanto na pesquisa científica, considerando também aspectos como respeito, responsabilidade e solidariedade. Tais competências, aliadas às cognitivas, devem orientar a prática docente e discente, demandando uma análise cuidadosa das experiências emocionais no contexto da pesquisa e ensino da Geografia.

Para o autor:

As emoções devem ser mobilizadas, então, não apenas pelo profissional de Geografia em suas pesquisas e práticas de sala de aula, como, de resto, por todos os demais profissionais que lidam com a preparação educacional de cidadãos que poderão se tornar melhores profissionais no futuro ao experienciarem, durante sua vida escolar, as competências socioemocionais (Lima, 2015, s/p).

Essa atenção às competências socioemocionais significa contribuir para o desenvolvimento dos discentes com criticidade e ao mesmo tempo com sensibilidade sobre os problemas do mundo, argumentando, escutando, compreendendo, interpretando o outro, reconhecendo e aceitando as diferenças, com uma postura ética e responsável no contexto coletivo, estabelecendo relações construtivas.

A relação dos estudantes com o espaço escolar vai além do visual, sendo atravessada por emoções vinculadas a vivências corporais e experiências anteriores. Disciplinas como a Geografia podem despertar sentimentos variados, pois determinados lugares adquirem significados afetivos para os alunos. Assim, incorporar o debate emocional à Geografia não apenas aprofunda a compreensão das espacialidades, como também valoriza o aluno como sujeito ativo na produção do conhecimento, reconhecendo as suas emoções como parte fundamental desse processo.

Kenway e Youdell (2011) sinalizam a ausência formal da emoção na educação, tanto em seus fundamentos filosóficos quanto em suas representações cotidianas. Destacam a importância de unir compreensões sociais, culturais e discursivas da emoção, juntamente com uma concepção da espacialidade da emoção, para obter novas perspectivas. Por isso, discutem a transmissão dos afetos não apenas dentro do espaço da sala de aula, mas também entre corpos, destacando as "micro

geografias" da escola como influentes nas emoções dos professores e alunos.

Para que os estudantes assumam um papel central nas discussões sobre emoções, é fundamental romper com os paradigmas da Geografia tradicional, incorporando a subjetividade nas análises do espaço. Nesse cenário, as relações emocionais com os lugares ganham novo sentido, permitindo que as percepções dos alunos sejam valorizadas. Um trabalho interdisciplinar, como o diálogo com a Literatura, amplia a compreensão das emoções no conhecimento, promovendo segurança e incentivando a participação ativa dos estudantes. Considerar o espaço vivido e as suas memórias afetivas torna as aulas de Geografia mais significativas, aproximando o conteúdo escolar da realidade cotidiana dos alunos. Castrogiovanni, Callai e Kaercher (2010, p. 93) assinalam que:

O conteúdo de Geografia, neste contexto, é o material necessário para que o aluno construa o seu conhecimento, aprenda a pensar. Aprender a pensar significa elaborar, a partir do senso comum, do conhecimento produzido pela humanidade e do confronto com os outros saberes (do professor, de outros interlocutores), o seu conhecimento. Este conhecimento, partindo dos conteúdos de geografia, significa “uma consciência espacial” das coisas, dos fenômenos, das relações sociais que se travam no mundo.

Ao utilizar as emoções de forma intencional, o professor pode fortalecer vínculos tanto individuais quanto coletivos, promovendo interações que enriquecem o processo de aprendizagem. É essencial, contudo, acompanhar o desenvolvimento emocional dos alunos e compreender o papel do docente nesse cenário afetivo. As Geografias Emocionais, nesse contexto, valorizam as contribuições culturais dos estudantes, reforçando a sua importância no currículo e incentivando o diálogo entre saberes. A interdisciplinaridade, especialmente com a Literatura, surge como um recurso potente, favorecendo uma relação mais significativa com o conhecimento e despertando a consciência espacial e social dos fenômenos vivenciados.

Geografia e Literatura: aproximações interdisciplinares

A superação de uma certa fixidez pedagógico-geográfica requer a ampliação das linguagens utilizadas em sala de aula, sendo que a linguagem literária é uma contribuição dinâmica para aproximar os estudantes da totalidade espacial por intermédio de ideias criativas e contextualizadas.

A proposta de articulação entre arte e ciência geográfica, respaldada por autores como Lima (2000), Marandola (2009) e Cavalcante (2020), oferece um caminho fértil para as Geografias Emocionais, centradas nas experiências emocionais dos sujeitos e no espaço geográfico, podendo ser provocadas, exploradas e compreendidas por meio da Literatura. Essa conexão entre arte/literatura e ciência/geografia pode enriquecer significativamente o ensino e pode ser bastante profícuo pela perspectiva das Geografias Emocionais, uma vez que o foco está nas experiências emocionais dos sujeitos envolvidos e o espaço geográfico, que podem ser provocadores por/meio/a partir da Literatura.

O crescente interesse pelos estudos de obras literárias sob a perspectiva geográfica vem desde a década de 1940. Monbeig (1940) apontava que os manuais de Geografia traziam textos que não propiciavam compreender profundamente o espaço e a vida existentes nele, uma vez que eram descritivos demais. Os textos literários, no entanto, conseguiam despertar a imaginação dos estudantes e lembranças de espaços e contextos vividos por eles, que, consequentemente, proporcionam uma compreensão mais próxima da realidade dos fenômenos geográficos.

Ainda assim, segundo Lima (2000), somente na década de 1970 é que a valorização do texto literário, enquanto documento de investigação, foi se intensificando no meio acadêmico geográfico, haja vista o entendimento de que: “a Literatura como uma área de grande atualidade, tendo em vista que um escritor, ao situar os indivíduos ou uma coletividade no meio de uma região, consegue traduzir os seus valores, dando uma visão reveladora da vida do espaço e dos lugares circunscritos à mesma” (Lima, 2000, p. 11).

Neste sentido, podemos pensar uma Geografia interessada em leituras do espaço a partir também de um exercício de imaginação geográfica, pois o imprescindível é buscarmos uma sensibilização do leitor/aluno, a fim de que ele também se sinta inserido no processo de pensar geograficamente. É nesse percurso que podemos pensar uma “geografia literária interessada em leituras do espaço ou nas formas como a geografia apreende a literatura na (re)interpretação do espaço geográfico” (Cavalcante, 2020, p. 193). De igual modo:

Na constituição da geografia literária, tanto estudiosos da geografia como da literatura pensam nas possíveis relações entre o espaço e a palavra escrita. De um lado, o olhar geográfico no entendimento dos textos literários, do outro, a

compreensão literária do problema do espaço. Ambos empenhados na apreensão do mundo. O que temos são as diferentes formas de como a literatura amplia a nossa compreensão do espaço geográfico ou mesmo os modos como a geografia adensa os mapas das tramas literárias (Cavalcante 2020, p. 193).

Marandola (2009), igualmente, caminha por essa perspectiva, ao afirmar que a relação entre Geografia e Literatura permite aproximar duas visões de mundo, com as suas especificidades, virtudes e limitações, que precisam ser analisadas de forma a ampliar o potencial compreensivo, entendendo a razão de cada uma. Portanto, uma não substitui a outra: é preciso compreender a riqueza da interação e a sua permeabilidade, reconhecendo a diversidade de métodos e abordagens.

Assim, escolhemos essas relação especialmente pela potencialidade na análise das emoções proporcionadas pelos textos literários; e pelo motivo apontado anteriormente neste texto: a nossa intenção de ensinar com e pela emoção, afinal, é preciso pensar na “importância do espaço para além de sua dimensão física” (Marandola, 2009, p. 488).

O texto literário tem ocupado, ao longo do tempo, um lugar de destaque em diversas sociedades, conquistado pela estética cuidadosamente construída por seus autores. Ao contrário de outras formas de linguagem, que buscam a objetividade, a Literatura tende à polissemia, expandindo o seu alcance para além do mundo concreto. Como afirma Paz (1996, p. 68): “O romancista nem demonstra nem conta; recria um mundo.” Esse universo ficcional, geralmente, é composto por elementos do contexto social, incluindo o espaço geográfico ou psicológico, que o autor utiliza ao criar as suas obras. Essa dimensão da literatura, ao articular-se com as Geografias Emocionais, permite que os estudantes explorem o espaço não apenas como um elemento físico, mas também como um campo de sentimentos, memórias e experiências.

Segundo Reis (2011, p. 101), “ensaístas geógrafos e educadores humanistas, em suas vertentes culturais, sociais e existenciais, nos revelam, de maneira sucinta e prazerosa, a geografia entranhada em grandes obras literárias.” Mas não é só a Geografia que desfruta desse privilégio, a História, a Ciência, a Filosofia e tantas outras áreas do conhecimento estão contempladas no texto literário como observa o crítico literário Barthes (2007, p. 17).

A literatura assume muitos saberes. Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser

expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário.

A passagem destacada ressalta que a literatura é uma fonte de conhecimento que abarca diversas áreas do saber, sugerindo que a sua construção contínua e significativa envolve uma variedade de experiências humanas. Autores literários exploram questões científicas, sociais, filosóficas e emocionais em suas obras, transcendendo limites disciplinares e oferecendo uma visão ampla da diversidade da existência. Os romances, ao contextualizarem informações culturais e sociais de determinados lugares, tornam mais palpáveis as complexidades das relações espaciais, permitindo que os estudantes mergulhem nas emoções, conflitos e experiências dos personagens, por meio da imaginação proporcionada pela narrativa literária.

Assim, pensando no contexto do ensino da Geografia, entendemos a capacidade do texto literário em transcender a simples narrativa ou poética para tornar-se uma representação abrangente das dinâmicas sociais, psicológicas e espaciais. Assim sendo, a região sobre a qual o autor escreve é mais do que um cenário, pois é um elemento vital na construção do texto, uma vez que desempenha papel ativo na formação da identidade dos personagens e nos conflitos explorados na trama.

Portanto, o texto literário pode servir como uma fonte para diversas áreas do conhecimento, incluindo a Geografia. Isso se deve ao seu papel na ampliação da compreensão do contexto social e espacial de diferentes épocas, regiões e sociedades, como exemplificado no trecho subsequente:

A ciência geográfica atual procura novas alternativas de apreensão do espaço geográfico, especialmente, a abordagem cultural na Geografia se lança com novas perspectivas nos estudos sócio-espaciais. Uma dessas perspectivas é a compreensão da realidade a partir da influência da cultura na produção do espaço, assim como a significação da espacialidade vivida. Desse modo, acredita-se à Literatura, que coexiste como modalidade da arte e como constituinte da cultura, a possibilidade de ela intermediar a compreensão da relação do homem com o meio por ele produzido e valorado (Olanda; Almeida, 2008, p. 11).

Conforme as autoras, ao buscar compreender o espaço geográfico por intermédio da cultura, a literatura apresenta-se como uma possibilidade para aprofundar os estudos

socioespaciais, uma vez que é vista como uma expressão artística que se forja na cultura de um determinado povo, região ou época.

Pontuschka (2015) aborda qual o papel da escola na contemporaneidade, em que a construção da cidadania consciente perpassa por e pelo diálogo, reflexão e (re) significação de práticas pedagógicas, com ênfase nas experiências de vida dos professores e alunos, provocando diferentes linguagens. Para a autora, essas diferentes linguagens e materiais (livros, mapas, gráficos, imagens de satélite, literatura, música, fotografias, filmes, vídeo clipes, jogos, dentre outros), podem ser utilizados de modo a atender a necessidade de adequação aos objetivos da disciplina.

No caso da Geografia, a autora entende que o uso da Literatura tem a potencialidade de debater sobre a vida em movimento em determinados lugares e territórios. É possível, por esse viés interdisciplinar, pensar os contextos e a relação com a Geografia (biomas, clima, formação geológica-geomorfológica, cultura, políticas, econômicas, sociais), aliando com a percepção dos estudantes sobre essas relações, em especial, quando partimos de um contexto próximo, como, por exemplo, quando pensamos Mato Grosso na obra de Manoel de Barros.

A natureza e a Geografia em Manoel de Barros: potencialidades para o ensino

Considerando o que foi exposto até aqui, entendemos a potencialidade de utilizar a obra de Manoel de Barros (1916-2014) no ensino da Geografia, com foco no livro *Menino do Mato* (2015), que enfoca, a partir de uma poética muito própria, o bioma do Pantanal. A obra reúne poemas curtos e profundamente conectados à natureza, característica marcante do escritor.

No livro, são explorados temas que permeiam grande parte de sua obra, como a simplicidade da infância, a relação íntima com a natureza e a poesia que se encontra nas coisas mais simples e, muitas vezes, esquecidas. O eu poético é um menino que representa a pureza e a capacidade de ver o mundo de uma maneira descomplicada, livre das amarras da sociedade adulta. O seu foco é desver e transver o mundo.

[...] Então era preciso desver o mundo para sair daquele lugar imensamente e sem lado.

A gente queria encontrar imagens de aves abençoadas pela inocência.

O que a gente aprendia naquele lugar era só ignorâncias para a gente bem entender a voz das águas e dos caracóis.

A gente gostava das palavras quando elas perturbavam o sentido normal das ideias.

Porque a gente também sabia que só os absurdos enriquecem a poesia. (Barros, 2015, p. 14).

Partimos da premissa que há um ponto de equilíbrio na intersecção entre Geografia, Literatura e Emoção, reconhecendo a importância do aspecto emocional na vida cotidiana dos estudantes. Temos observado um crescimento significativo nos trabalhos e abordagens que exploram a relação entre Geografia e Literatura. Essas perspectivas oferecem diferentes possibilidades de trabalho: enquanto a primeira entende a arte como um documento que expressa a cultura, a sociedade e o território; a segunda compreende a manifestação artística como uma força criativa que constrói e revela realidades. Antes de discutirmos a interação entre essas áreas do conhecimento, é fundamental considerar o papel da leitura na formação individual, pois ela desempenha um papel fundamental na construção de conhecimento e na compreensão do mundo.

Manoel de Barros escreveu as suas poesias na observação singela do espaço geográfico, em virtude da vivência simples do cotidiano, utilizando o espaço vivido como ferramenta da construção das suas poesias. Falar do poeta requer um cuidado muito peculiar, pois ele não deu entrevistas durante a sua vida justamente, para que fosse lembrado pelas suas poesias escritas e não corresse riscos de parafrasearem os seus escritos. Em outras palavras, o autor tinha interesse de ser lembrado pelas suas obras escritas, pois afirmava que “o olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê: é preciso transver o mundo” (Barros, 1996, p. 75). A partir do contexto que falamos, o estado de Mato Grosso, a obra de Manoel de Barros mostra-se promissora, pois destaca a influência do ambiente pantaneiro na vida do protagonista – o menino do mato – permitindo-nos explorar com os estudantes da educação básica a linguagem única do poeta para descrever as paisagens, os animais e a atmosfera do Pantanal. Além disso, podemos analisar as metáforas e a linguagem sensorial utilizadas pelo poeta para transmitir a essência do bioma, refletindo sobre a relação entre ser humano e natureza no Pantanal, destacando desafios, harmonias e conflitos dessa convivência. Por fim, sua poesia pode instigar reflexões sobre responsabilidade ambiental e preservação do bioma, enriquecendo o

aprendizado dos estudantes sobre questões geográficas e ambientais.

V
O lugar onde a gente morava quase só tinha bicho solidão e árvores.
Meu avô namorava a solidão.
Ele era um florilégio de abandono.
De tudo que me restou sobre aquele avô foi esta imagem: ele deitado na rede com a sua namorada,
mas se a gente o retirasse da rede por alguma necessidade, a solidão ficava destampada.
Oh, a solidão destampada! Essa imagem da solidão que ficara dentro de mim por anos.
Ah, o pai! O pai vaquejava e vaquejava.
Ele tinha um olhar soberbo de ave.
E nos ensinava a liberdade.
A gente então saía vagabundeando pelos matos sem aba. Chegou que alcançamos a beira de um rio.
A manhã estava pousada na beira do rio desaperda moda um pássaro.
Nessa hora já o morro encostava no sol.
Logo adiante vimos um quati a lamber um osso de ema.
A tarde crescia por dentro do mato.
O lugar nos perdera de rumo.
A gente se sentia como um pedaço de formiga perdida na estrada. Bernardo completava o abandono.
Logo encontramos uma criame de caracóis nas areias do rio.
Quase todos os caracóis eram viúvos de suas lesmas. Contam que os urubus, finórios, desciam naquele
lugar para degustar as lesmas ainda vivas.
Se diz ainda que este recanto teria sido um pedaço do Mar de Xaraíes.
Na beira da noite a gente estava sem rumo. Bernardo apareceu e disse que vento é cavalo. Então
montamos na garupa do vento e logo chegamos em casa.
A mãe aflitíssima estava.
Ela cuidava de todos: lavava, passava e cozinhava para todos.
Porém à noite a mãe ainda encontrava uma horinha para o seu violino.
Ela tocava para nós Vivaldi.
E a gente ficava pendurado em lágrimas.
Um dia que outro eu contei para a Mãe que tinha visto um passarinho a mastigar um pedaço de vento.
A Mãe disse outra vez: Já vem você com suas visões! Isso é travessura da sua imaginação.
É a voz de Deus que habita nas crianças, nos passarinhos e nos tontos. A infância da palavra.
(BARROS, 2021, p. 21 a 23).

O poema retrata as memórias de infância de um menino, marcadas por experiências sensoriais e afetivas em meio à natureza, à convivência familiar e a figuras simbólicas como o avô solitário, o pai protetor e a mãe cuidadora. As imagens poéticas contrapõem ausência e presença, liberdade e perda, revelando a complexidade emocional da infância. Ao final, a “infância da palavra” sugere um tempo de liberdade, inocência e descobertas.

Neste aspecto, a poética em si e os elementos retratados sugerem caminhos possíveis para o ensino da Geografia, fazendo-o para além de práticas tradicionais que reduzem à perspectiva geográfica ao livro didático.

Eu bem sabia que a nossa visão é um ato poético do olhar.
Assim aquele dia eu vi a tarde desaberta nas margens do rio.
Como um pássaro desaberta em cima de uma pedra na beira do rio.
Depois eu quisera também que a minha palavra fosse desaberta na margem
do rio.
Eu queria mesmo que as minhas palavras fizessem parte do chão como os
lagartos fazem.
Eu queria que minhas palavras de joelhos no chão pudessem ouvir as
origens da terra (Barros, 2015, p. 69).

De acordo com Martins (1994), a habilidade de leitura desenvolve-se desde os primeiros contatos com o ambiente, em que as sensações provocadas pelos estímulos visuais, sonoros e olfativos levam a criança a interpretar o mundo ao seu redor. Essa capacidade de leitura estende-se a todos os aspectos da vida cotidiana, desde a percepção das interações sociais até a interpretação das condições climáticas. Assim, Freire (1989) destaca que essa leitura do mundo, que envolve a interpretação de imagens, sons, gestos e outras manifestações, é essencial para compreender e agir de forma eficaz no ambiente em que estamos inseridos, permitindo-nos tanto contornar quanto transformar as situações que enfrentamos no contexto escolar.

Ao aplicarmos a perspectiva das Geografias Emocionais à prática de leitura mencionada anteriormente, ampliamos a nossa compreensão para além dos elementos físicos da paisagem, considerando também as suas influências emocionais nas pessoas. Cada local pode evocar uma variedade de sentimentos, desde nostalgia e pertencimento até desconforto e deslocamento, moldados por vivências individuais, culturais e históricas. Essas experiências complexas contribuem para as relações entre as pessoas e o ambiente. Diante disso, é relevante promover experiências de leitura agradáveis para tornar a prática da leitura uma constante ao longo da vida do indivíduo,

Essa perspectiva ressalta que certos lugares podem carregar significados emocionais para as pessoas, influenciados por experiências vividas nesses locais. Essas associações emocionais moldam a percepção e a resposta das pessoas a esses lugares, formando um mapa emocional ou vínculo emocional específico com determinados locais. Assim, as Geografias Emocionais destacam a relação íntima entre emoções e lugares, sugerindo que as nossas experiências emocionais estão intrinsecamente ligadas ao ambiente físico e cultural ao nosso redor. Portanto, essa abordagem é fundamental para o ensino com alunos jovens, que, muitas vezes, têm um forte vínculo emocional com as comunidades onde vivem.

A partir da abordagem das Geografias Emocionais e da obra de Manoel de Barros, entendemos que é possível pensar as espacialidades emocionais para o ensino da Geografia em Mato Grosso, a partir de olhares para a observação das paisagens, considerando a multiplicidade, a subjetividade e a singularidade de cada indivíduo. Com isso, buscamos discutir uma abordagem teórico-metodológica que reconheça e explore as potencialidades de um trabalho literário para além dos tradicionais livros didáticos de Geografia. Nesse contexto, é essencial promover a interpretação do texto literário no ensino de Geografia, incorporando dinâmicas que promovem essa compreensão, enquanto se observam os elementos geográficos presentes na leitura ficcional e, sobretudo, estimulando o despertar de emoções ao longo do processo educativo.

Além disso, surge a indagação sobre se o ensino da Geografia, dentro da perspectiva do currículo, também representa um caminho pelo qual o ser humano percorre para conhecer-se. Segundo Silva (2019, p. 15), "no curso dessa corrida que é o currículo acabamos por nos tornar o que somos". Ela ressalta que, frequentemente, limitamos a nossa compreensão do currículo ao conhecimento, negligenciando que esse conhecimento está intrinsecamente ligado à nossa identidade e subjetividade.

A noção de que o currículo representa o caminho para nos tornarmos quem somos conduziu-nos, neste estudo, a uma reflexão mais cuidadosa sobre o percurso do ensino de Geografia. Essa abordagem leva-nos a considerar não apenas os conhecimentos difundidos nos documentos escolares, mas também a bagagem cultural trazida por todos os envolvidos. A intersecção desses conhecimentos com a vivência dos estudantes permite que a sua subjetividade expanda-se.

A potencialidade de obra de Manoel de Barros para abordar Geografias Emocionais no/do ensino da Geografia está muito ligada também com a experiência dos autores da presente reflexão no contexto escolar. As vivências no referido contexto serviram como inspiração para refletir sobre esse tema e propor uma prática propositiva.

A maioria dos adolescentes com quem trabalhamos no contexto do ensino fundamental em Cuiabá - MT vem de ambientes familiares em que a leitura não é uma prática comum. Com base nessa observação, buscamos incentivar a prática da leitura, pois é amplamente reconhecido que o ato de ler contribui significativamente para o aprendizado escolar.

Em outras palavras, a leitura estimula o desenvolvimento intelectual e amplia a competência linguística do indivíduo, favorecendo, como aponta Bamberger (2002, p. 11), "a superação de barreiras educacionais, proporcionando oportunidades mais equitativas de educação". O autor destaca que a leitura é um meio eficaz para superar tais barreiras, uma vez que pode ajudar a mitigar as desigualdades, permitindo que os estudantes tenham acesso a informações, conhecimentos e experiências que poderiam ser limitados pela falta dela.

Outra característica do público adolescente diz respeito às questões socioemocionais que permeiam essa fase da vida e que, inevitavelmente, refletem no ambiente escolar, muitas vezes, com influências negativas. Vygotski (2015) enfatizou a importância da mediação, em que um indivíduo mais experiente, como um professor, oferece suporte ou orientação direta ao aluno para ajudá-lo a superar as suas dificuldades de aprendizado. Embora não tenha abordado especificamente a emoção, as suas concepções sobre interação social, mediação e desenvolvimento cultural e histórico permitem-nos compreender como o ambiente social e educacional pode impactar o desenvolvimento emocional dos alunos. Portanto, pensar em estratégias que promovam um ambiente de apoio e interação positiva pode, sem dúvida, contribuir para o bem-estar emocional desses estudantes.

Na confluência das considerações apontadas, a proposta foi trabalhar a nossa área de conhecimento, por meio das Geografias Emocionais e o texto literário. Sendo assim, escolhemos abordar o bioma do Pantanal juntamente com a obra de Manoel de Barros. Ao escolhermos o bioma do Pantanal e combinarmos esse conhecimento com a poesia de Manoel de Barros, relacionaremos a natureza física (o espaço geográfico) e a natureza humana (as emoções), esta última suscitada pelo texto poético.

As composições de Manoel de Barros são reconhecidas por sua capacidade de capturar a essência poética da natureza, em uma linguagem simples, porém profundamente emocional, de forma a estimular reflexões mais profundas sobre a relação entre ser humano e ambiente. Por consequência, esperamos que os estudantes desenvolvam habilidades de análise crítica, interpretação de textos e expressão criativa, enquanto também construam maior conhecimento geográfico acerca do tema.

A partir dessa relação, podemos explorar os seguintes tópicos que são parte do currículo da Geografia no ensino básico como, por exemplo: a localização exata do Pantanal no Brasil e

a sua extensão em outros países, como Paraguai e Bolívia; a diversidade de espécies no Pantanal, tanto em termos de flora quanto de fauna; as adaptações das plantas e animais ao ambiente úmido e sazonal do Pantanal; as inundações afetam a vida selvagem e as atividades humanas na região; como as comunidades locais dependem dos recursos naturais do Pantanal para subsistência; as questões de conservação e os desafios enfrentados pelo Pantanal, como a expansão agrícola, a pecuária e as mudanças climáticas; por fim, as iniciativas de conservação e os esforços para proteger o bioma.

Desse modo, considerando as reflexões até aqui, torna-se evidente que a educação é um ato de amor e coragem, conforme expresso por Freire (2019). Para adotar uma perspectiva inovadora no ensino de Geografia e incorporar uma prática pedagógica que leve em conta as emoções dos envolvidos, é necessário cultivar a coragem para enfrentar os desafios que surgem com as transformações, tanto na prática pedagógica quanto nas concepções. Estabelecer diálogos construtivos com diferentes perspectivas, buscar parcerias, como a participação ativa da família, a colaboração entre colegas e o apoio dos gestores, contribuirá para tornar essa jornada mais gratificante e eficaz.

Promover um ensino que estimule reações emocionais dos educandos em relação à importância da natureza para a nossa subsistência não apenas fortalece o respeito pelo meio ambiente, mas também reforça a compreensão de nossa conexão com ele. Ao integrar essas experiências emocionais, buscamos fomentar uma cultura de preservação sustentável, que vai além da proteção do planeta, incorporando também a reflexão sobre o bem-estar humano.

Considerações finais

Ao abordarmos a profícua relação entre Geografias Emocionais e Literatura, destacando a obra poética de Manoel de Barros como um meio de provocar espacialidades emocionais, especialmente no contexto de Mato Grosso, defendemos a possibilidade desse diálogo nas relações emocionais do saber geográfico em sala de aula, enfatizando a contribuição dessa abordagem para repensar as categorias espaciais no ensino de Geografia.

Essa abordagem amplia as ligações entre diferentes domínios do conhecimento, proporcionando aos estudantes uma compreensão mais ampla e diversa do mundo que os cerca. O campo artístico, com as disciplinas de Arte e a Literatura, pode, certamente, enriquecer a

experiência dos estudantes, uma vez que proporciona diferentes perspectivas, narrativas e expressões artísticas relacionadas ao espaço geográfico, ampliando a visão dos alunos ao perceber que há diversas formas de estudar a ciência geográfica, que fazem parte dos noticiários, das matérias escritas nos jornais ou nos enredos literários. Por outro lado, o desenvolvimento do raciocínio geográfico não se trata, nesse contexto, sobre apenas adquirir conhecimento específico, mas também sobre desenvolver habilidades analíticas e críticas que vão além dos limites entre as disciplinas.

Entendemos que as Geografias Emocionais oferecem uma perspectiva inovadora e necessária para o ensino de Geografia, assim como para o avanço de outros conhecimentos científicos ao levarmos em conta as experiências emocionais vivenciadas pelos protagonistas das narrativas das suas histórias de vida. A abordagem dessas Geografias revela a importância de considerar as experiências e emoções dos estudantes, integrando os aspectos subjetivos ao estudo do espaço geográfico. Ao quebrar paradigmas, estaremos formando um novo contexto que permitirá que as relações emocionais com os lugares ganhem significado para os estudantes, proporcionando o reconhecimento de valores em diferentes espaços, inclusive aqueles muitas vezes esquecidos ou intangíveis, como as comunidades mais afastadas da região central, onde vive grande parte dos estudantes de escolas públicas.

A obra de Manoel de Barros é pertinente para abordar esse contexto emocional próximo – o bioma Pantanal, uma vez que a obra oferece uma perspectiva singular da relação entre o ser humano e a natureza, principalmente na figura de menino do mato. Por intermédio da leitura dos poemas, somos levados a mergulhar na profundidade poética de Manoel de Barros e na conexão íntima entre o menino e a natureza.

A consideração das emoções no contexto da sala de aula, portanto, revela a necessidade de um olhar atento do professor para reconhecer e compreender a experiência emocional dos estudantes, assim como integra-se entre os entes envolvidos na aprendizagem. Acreditamos que o despertar emocional pela leitura pode promover um ambiente favorável, afetivo de ressignificação de respeito entre professor e alunos, ou seja, é uma forma de reiterar a relevância das emoções no contexto escolar e no ensino da Geografia, tendo em vista a nossa intrínseca relação emocional com/nos lugares.

Referências

ANDREOTTI, G. Geografia emocional e cultural em comparação com a racionalista. In: HEIDRICH, A. L.; COSTA, B. P.; PIRES, C. L. Z. (Orgs.). **Maneiras de ler geografia e cultura**. Porto Alegre: Compasso Lugar Cultura, 2013.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito da leitura**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

BARROS, M. **Livro sobre nada**. 3 ed. Rio de Janeiro, Record, 1996.

BARROS, M. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BARROS, M. **Menino do mato**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2021.

BARTHES, R. **Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

CARMO, Walkiria Batista do. Competências socioemocionais na escola: incertezas e desafios. **Altus Ciência**, v. 17, jan./jul. 2023.

CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H. C.; KAERCHER, N. A. **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano; estudar o lugar para compreender o mundo**. 9 ed. Porto Alegre: Editora Mediana, 2010.

CAVALCANTE, T. V. Por uma geografia literária: De leituras do espaço e espaços de leitura. **Revista da ANPEGE**. v. 16, nº. 31, p. 191 - 201, 2020.

CARIAS, Iago Andrade; GONDIM, Sônia Maria Guedes; ANDRADE, Josemberg Moura de. Competências socioemocionais e desempenho contextual de docentes do ensino fundamental. **Psico**, Porto Alegre, v. 54, n. 2, p. 1-12, jan./dez. 2023

CIERVO, Tassia Joana Rodrigues; SILVA, Roberto Rafael Dias da. A centralidade das competências socioemocionais nas políticas curriculares contemporâneas no Brasil. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 382-401, abr./jun. 2019.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FURLANETTO, B. H. Paisagem sonora do boi-de-mamão no litoral paranaense: a face oculta do riso. **Tese de Doutorado em Geografia**. UFPR, Curitiba, 2014.

HARGREAVES, Andy. Emotional Geographies of Teaching. **Teachers College Record** Volume 103, Number 6, December 2001, pp. 1056–1080.

KENWAY, Jane Kenway; YOUDELL, Deborah. The emotional geographies of education: Beginning a conversation. **Emotion, Space and Society**, 4 (2011), p. 131-136.

LIMA, Terezinha de. Alguns pontos sobre a percepção da paisagem. **Revista Geosul**, Florianópolis, v. 15, n.30, p. 7-33, 2000.

LIMA, I. As competências socioemocionais e o ensino de Geografia. In: **Encuentro de geógrafos de américa latina** (EGAL). La Habana: EGAL, v. 1, p. 1-10, 2015.

MARANDOLA JR, E.; OLIVEIRA, L. Geograficidade e espacialidade na literatura. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2009.

MARTINS, M. H. **O que é Leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MANFRÉ, Ademir Henrique. O conceito de competências socioemocionais nas reformas educacionais brasileiras. **Série-Estudos**, Campo Grande, v. 26, n. 57, p. 267-288, maio/ago. 2021.

MONBEIG, P. **Ensaio de Geografia Humana Brasileira**. São Paulo: Martins, 1940.

OLANDA, D. A. M; ALMEIDA. M. G. A geografia e a literatura: uma reflexão. **Geosul**, Florianópolis, v. 23, n. 46, jul./dez. 2008, p. 7-32.

PAZ, O. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. A literatura como linguagem significativa para o entendimento do tempo e movimento do espaço geográfico. In: HARACENKO, Adélia Aparecida de Souza et al. **Geografia: temas e reflexões**. Maringá: EdUEM, 2015. p. 217-232.

REIS, D. F. Geografias literárias e literaturas geográficas – uma leitura. **Geograficidade**. v. 1, n. 1, p. 99-101. 2011.

SILVA, M. A. S. Por uma Geografia das Emoções. **GEOgraphia**. v. 18, n. 38, p. 99-119, 2016.

SILVA, Marcia Alves Soares da. **O eu, o outro e o(s) nós: geografia das emoções à luz da filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer (1874-1945) e das narrativas de pioneiros da Igreja Messiânica Mundial**. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2019.

SILVA, M. M. da. Crítica à formação de competências socioemocionais na escola. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 22, p. 10-20, 2022.

VALENTE, Sabina. Competências socioemocionais na atividade do educador social: implicações à inclusão escolar. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação – RIAEE**, Araraquara, v. 15, n. esp. 3, p. 2332-2349, nov. 2020.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1991.

WATKINS, M. Teachers tears and the affective geography of the classroom. **Emotion, Space and Society**, 4(3), 137–143, 2011.

Submetido em: 28/5/2024

Aceito em: 6/6/2025

Citações e referências
conforme normas da:

